



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A EUGENIA NAS CARICATURAS D'O RIO NU: REPRESENTAÇÕES E
ESTEREÓTIPOS DA POPULAÇÃO NEGRA NA IMPRENSA DA PRIMEIRA
REPÚBLICA (1898-1905).**

TAFFAREL SOUSA SANTOS

Brasília, 2018

TAFFAREL SOUSA SANTOS

A EUGENIA NAS CARICATURAS D'O RIO NU: REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS DA POPULAÇÃO NEGRA NA IMPRENSA DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1898-1905).

Artigo apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Anderson R. Oliva

Brasília, 2018

RESUMO: O presente trabalho objetivou analisar as caricaturas da população negra no periódico *O Rio Nu* (1898-1905). Jornal dirigido exclusivamente para um público masculino, e considerado pornográfico para uma grande parcela da população brasileira. Buscamos compreender as imagens de mulheres e homens negros na perspectiva das discussões sobre as diferenças étnicas raciais defendidas pelas teorias eugênicas nacionais do final do século XIX, e início do século XX. Assim, utilizamos como eixo principal de nossas reflexões os estereótipos e representações culturais exibidos nas caricaturas de *O Rio Nu*, trabalhando com a pornografia para refletir sobre a condição da população negra na Primeira República.

Palavras-chave: Teorias Raciais, População Negra, *O Rio Nu*, Pornografia.

INTRODUÇÃO

Nos anos iniciais da Primeira República intensificaram-se, com forte inspiração nos modelos europeus, várias discussões sobre formas de tornar o Brasil um país moderno e civilizado. Cresceram os debates sobre as diferenças básicas entre os diversos povos que formavam os brasileiros. O darwinismo social ganhou grande aceitação entre os intelectuais da época, com a defesa sobre a implantação de teorias eugênicas no país. Essas teorias diziam, basicamente, que as “raças constituíam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro”¹. Dessa forma, eram enaltecidas as nações que teriam tipos raciais puros, sendo a mestiçagem classificada como sinônimo de degeneração, tanto racial quanto social². Essas teorias implicaram

num ‘ideal político’, um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se converteu em uma espécie de prática avançada de darwinismo social – a eugenia³ -, cuja meta era intervir na reprodução das populações⁴.

A eugenia foi transformada,

em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880 (...). Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de ‘nascimentos desejáveis e controlados’; enquanto movimento social,

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 15 ed. São Paulo: Companhia da letras, 2017, p.78.

² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças*, p.78.

³ Termo criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, que significa *boa geração*.

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças*, p.78.

preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões nocivas à sociedade⁵.

A miscigenação brasileira nos finais do século XIX, era conhecida mundialmente e considerada como um caso único de mestiçagem⁶, vista pelo eugenistas estrangeiros como um modelo de atraso civilizatório devido a sua composição étnico-racial. Para eles o progresso estaria restrito às nações que estavam livres da miscigenação, assim o desenvolvimento ou fracasso de uma civilização dependeria de sua conformação racial pura. O determinista Arthur de Gobineau, ao exercer um cargo de ministro francês no Rio de Janeiro em 1869, descreveu o Brasil como irrevogavelmente manchado pela miscigenação, composto por “uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”⁷. Afirmando que os brasileiros estavam fadados a extinção devido a sua mistura de raças, e concluindo que a população precisava fortalecer-se com a ajuda dos valores mais altos das raças europeias⁸. Ele não foi o único eugenista estrangeiro a escrever sobre os problemas da miscigenação brasileira, o inglês Henry Thomas Buckle, em seu livro *História da civilização na Inglaterra*, descreve o país como um exemplo de atraso civilizatório devido a sua conformação racial⁹. O Francês Louis Couty em sua obra *Ebauches sociologiques* disse que foi a raça africana que produziu todos os males no Brasil, e sugere que a colonização por homens livres da Europa seria o único remédio possível para mudar essa situação¹⁰.

As teorias raciais chegaram ao Brasil com grande alvoroço,¹¹ em especial nos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa, que na época se constituíam enquanto centros de congregação da reduzida elite pensante nacional.¹² Enquanto as teorias eugênicas estrangeiras condenavam o cruzamento racial, os intelectuais nacionais adaptaram-nas criando outra, nunca antes vista, onde não se repudiava a hibridação das raças. Essa reformulação teórica refletiu a realidade brasileira, país altamente miscigenado. Para eles “a miscigenação não produzia inevitavelmente ‘degenerados’,

⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das raças, p.79.

⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das raças, p.15.

⁷ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.46.

⁸ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*, p.46.

⁹ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*, p.44-45.

¹⁰ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*, p.47.

¹¹ “Praticamente, todo pensador social brasileiro – antes de 1914 – se viu a braços com o darwinismo social”. In SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*, p.70.

¹² SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das raças, p.19.

mas uma população mestiça sadia e capaz de torna-se sempre mais branca, [...] ¹³. Era argumentado que não se poderia esperar muito de uma nação que era composta por pretos ¹⁴. Estes, foram apontados como o maior empecilho para a evolução da “verdadeira” população brasileira – a branca ou eurodescendente.

Desse modo, surgiram incentivos para se importar bons emigrantes a fim de purificar a sociedade nacional. Assim, a imigração funcionou como “projeto de cunho racista que visava depurar a raça limpando a nação da interferência de sangues estranhos ao do branco ariano” ¹⁵. A partir de 1890, três milhões de europeus radicam-se no Brasil ¹⁶. Os eugenistas especificaram de quais nações se deveriam trazer trabalhadores, priorizando aquelas da Europa Ocidental e excluindo territórios cujas populações eram pobres ou majoritariamente negras e mestiças, como as dos continentes africano, asiático, americano e da Europa Central ¹⁷.

Esses debates não foram ignorados pela imprensa brasileira da época, visto que seus fundadores e colaboradores estavam inseridos nos debates sobre o progresso nacional. Nesse contexto, analisaremos as caricaturas do jornal *O Rio Nu* ¹⁸, que circulou de 1898 a 1916. O periódico foi criado por três jovens jornalistas cariocas: Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão ¹⁹. O conteúdo desse jornal era dirigido exclusivamente para um público masculino ²⁰, ainda que não excluísse necessariamente as mulheres, atingindo, neste caso, um público diverso. Possuía uma grande circulação

¹³ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.81

¹⁴ O Brasil era a maior colônia do Novo Mundo e a única em que a proporção de pretos na população era superior a 50 por cento. In SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.45.

¹⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das raças, p.243.

¹⁶ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.61.

¹⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das raças, p.242.

¹⁸ Nossa fonte de pesquisa encontra-se disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bdigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>.

¹⁹ PEÇANHA, Natália Batista. *Regras de civilidade: tecendo a masculinidade do smart nas páginas d’o Rio Nu (1898-1916)*. 2013. 162 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=152747. Acesso em 20 de novembro de 2017, p.25.

²⁰ É complicado definir com precisão um perfil de leitor típico d’*O Rio Nu*, devido a sua forma de distribuição e circulação. Sendo essas características fundamentais para sua sobrevivência por tantos anos. In PEREIRA, Cristina Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. 1997. 208 f. Dissertação (Departamento de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281169>. Acesso em 06 de novembro de 2017, p.64-78.

pela país²¹, sendo comercializado avulsamente por 100 réis²². Segundo os anúncios do próprio *O Rio Nu*, eram vendidos “em 1899, 15.000 exemplares de cada número do jornal. Em setembro de 1910, o jornal informa que chegou a emitir uma tiragem de 50.000 exemplares, [...]”²³. No entanto, segundo Tânia Regina de Luca, “informações sobre tiragens são bem poucos confiáveis”²⁴, devido à facilidade de manipulações e fraudes comuns na época, estratégia para se ganhar prestígio, valorização, reputação e, principalmente, anunciantes. Era comercializado em locais públicos, sendo comum vendedores (principalmente crianças), o anunciarem em ruas e pontos dos bondes. Era publicado bissemanalmente²⁵ e começou a ser impresso

em quatro páginas (isto até 1900). Após, o padrão de paginação se fixou em oito laudas, podendo algumas vezes variar a quantidade a nove e dez em exemplares do dia a dia e algo em torno de 104 páginas, nos casos de publicações especiais, tais como almanaques ilustrados²⁶.

Os temas mais frequentes d’*O Rio Nu* eram assuntos de sedução, adultério, defloramento e escândalos sexuais em geral²⁷. Aproximava-se do estilo e ideologia da boemia carioca da *belle époque*. Sua sede estava localizada no ponto de encontro da elite do Rio de Janeiro - a rua do Ouvidor. Alguns dos seus redatores e colaboradores eram considerados os boêmios mais famosos do Brasil, como Olavo Bilac e Arthur Azevedo²⁸.

Nosso esforço foi de mapear e observar como *O Rio Nu* reproduziu os discursos higiênicos em suas caricaturas. Quando os negros foram representados, estavam associadas a discursos e signos indiscutivelmente racistas. Desde sua criação até o período estudado (1905) e de suas 388 edições, publicou apenas oito caricaturas de mulheres negras, oito de homens negros, três de mulheres “mulatas”, cinco de homens “mulatos” e duas de crianças, além de uma imagem de Satanás que tem características fenotípicas de um negro. Também, iremos comparar as imagens de homens e mulheres negros no jornal

²¹ Através dos avisos d’*O Rio Nu* aos agentes que estavam em débito com o jornal, podemos identificar alguns estados por onde ele circulava, além do Rio de Janeiro, havia referências para os estados de São Paulo, Alagoas, Ceará, Paraná, Minas Gerais e Sergipe. In PEREIRA, Cristina Schettini. Um gênero alegre, p.55-56.

²² Baixo preço para o período, 100 réis era, por exemplo, o valor de uma passagem de bonde ou a travessia de barco Rio-Niterói. In PEÇANHA, Natália Batista. Regras de civilidade, p.32.

²³ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.53.

²⁴ LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX, p.157.

²⁵ Nos seus últimos quatro anos, devido à crise financeira que passava, *O Rio Nu* passou a ser publicado uma vez por semana.

²⁶ PEÇANHA, Natália Batista. Regras de civilidade, p.33.

²⁷ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.36.

²⁸ PEÇANHA, Natália Batista. Regras de civilidade, p.26.

com as imagens de homens e mulheres brancas, essa análise nos permitirá a constatação da diferença de valorização entre negros e brancos, permitindo a compreensão de concepções naturalizadas e enraizadas em nossa cultura histórica sobre as populações negras e as populações brancas. Tivemos que optar por um recorte temporal específico das edições d’*O Rio Nu*, analisamos as publicações entre os anos de 1898 a 1905. Contudo, essa demarcação não nos impediu de pesquisar também as caricaturas de outros anos e percebermos que os negros são retratados das mesmas formas depreciativas dos anos iniciais. Assim, utilizamos como eixo principal de nossas reflexões os estereótipos²⁹ e representações culturais exibidos nas caricaturas nesse jornal, trabalhando com a pornografia para refletir sobre a condição da população negra na Primeira República.

IMPRENSA, PORNOGRAFIA E O DESENCORAJAMENTO DE “UNIÕES NOCIVAS” PARA A SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A imprensa de gênero alegre e O Rio Nu

A Proclamação da República no Brasil, em 1889, não alterou o desenvolvimento da imprensa³⁰. Foi nesta época que ela

conheceu múltiplos processos de inovações tecnológicas que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia -, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação em massa.³¹

Essas inovações intensificaram e definiram a imprensa como estrutura empresarial: o jornal ingressara na fase industrial. Esse período foi chamado de *grande imprensa*, expressão que Luca afirma que seja,

[...] bastante vaga e imprecisa, além de adquirir sentidos e significados peculiares em função do momento histórico em que é empregada. De forma genérica o conjunto de títulos que, num dando contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro³².

²⁹ Termo que significa “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas”. In HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016, p.173.

³⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.251.

³¹ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.83.

³² LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.149.

Foi indispensável para a sustentação e consolidação da *grande imprensa* “a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel”³³. Essa mudança está ligada diretamente com “as transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas”³⁴. A imprensa deixa de ser um empreendimento individual, para se tornar uma empresa capitalista. Por conseguinte, precisava de capital para ser firmada e se manter, havendo uma grande disputa pelos poucos leitores existentes³⁵, que era a sua principal fonte de recurso financeiro.

A *pequena imprensa*³⁶, apesar dessa mudança, não desapareceu, sendo predominante nas zonas rurais. Nas grandes cidades conservou-se em plano secundário, num fenômeno que hoje denominaríamos *imprensa alternativa*³⁷. O Rio de Janeiro, por exemplo,

[ainda] continuava com um bom número de publicações menores, as quais, mesmo limitadas em sua ação, às vezes por motivos econômicos, mantinham, não raro, uma corajosa política de independência.³⁸

Nesse cenário nasceu a imprensa de *gênero alegre*³⁹, parecida ou quase igual às “revistas congêneres de Paris. Surge, ao que tudo indica, como uma ampliação das seções cômicas e das caricaturas dos diários”⁴⁰. Tinha como características comuns o “uso da linguagem dúbia, maliciosa, em que o elemento obsceno velado era fruto da exploração da polissemia dos vocábulos, dos jogos de palavras e dos trocadinhos”⁴¹. Sua maior particularidade era a “construção de uma ‘linguagem maliciosa’ que, ao mesmo tempo, pressupõe e constrói uma identificação masculina através do humor de duplo sentido sexual”⁴². Seus maiores atrativos eram suas ilustrações, estratégicas para sua consolidação num mercado editorial disputado, o que a transformava em uma verdadeira

³³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso, p.84.

³⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil, p.251.

³⁵ Estima-se que em 1890 apenas 15% da população era letrada, porcentagem que aumentou para 25% em 1900 e que não sofreu alterações significativas até 1920. No Distrito Federal, segundo o recenseamento realizado em 1906 concluiu que, de cada 100 habitantes da capital do país, 48 eram analfabetos. In LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX, p.156.

³⁶ Jornais de estrutura simples, de caráter artesanal, sem condições de distribuições e que seus periódicos eram vendidos na própria tipografia.

³⁷ PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983, p.09.

³⁸ PRETI, Dino. *A linguagem proibida*, p.09.

³⁹ São também chamados de *romances para homens e imprensa fescenina*.

⁴⁰ PRETI, Dino. *A linguagem proibida*, p.12.

⁴¹ PRETI, Dino. *A linguagem proibida*, p.13.

⁴² PEREIRA, Cristina Schettini. *Um gênero alegre*, p.20.

revista ilustrada⁴³. Nesse caso as ilustrações “foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que texto”⁴⁴. Como explicou Cristiana Schettini Pereira,

A importância das ilustrações para a venda avulsa era muito grande; além de chamar atenção, já indicava o conteúdo do jornal, facilitando a sua compreensão, possibilitando-inclusive a quem não lesse as legendas⁴⁵.

Dentre os periódicos desse gênero, o que se destacou pela sua longevidade foi *O Rio Nu*⁴⁶, exceção numa época em que jornais de pequeno porte surgiam e logo desapareciam⁴⁷, tendo ultrapassado o limite dos dez primeiros anos do século XX, sendo impresso até 1916. Surgiu no ano de 1898 criado pelos jornalistas - Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão. Sua redação ficava na rua do Ouvidor, lugar considerado, em termos simbólicos, como a Europa para os cariocas. Uma versão do *Palais Royal* ou *Boulevard des Italiens*, onde ocorria o comércio elegante e era o ponto de encontro da elite.⁴⁸

Alguns dos redatores e colaboradores d’*O Rio Nu* – a maioria usava pseudônimos -, estavam no primeiro plano da boemia carioca: Olavo Bilac, Arthur Azevedo, Demérito Álvares, Luís Monteiro, Eurico Silva, Alfredo Calainho, Alfredo Albuquerque Junior, José Ângelo Vieira de Brito J. Brito, Alfredo Boucher Filho, Luís Monteiro, Roberto Castro, entre outros⁴⁹. Nesse período, escrever na imprensa “tornou-se não apenas fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político⁵⁰”. Assim alguns desses jornalistas viam-se como uma minoria combatente de rebeldes altruístas, lutando pela regeneração nacional através do ataque às instituições decadentes da Monarquia⁵¹.

⁴³ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil - 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.32.

⁴⁴ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*, p.91.

⁴⁵ PEREIRA, Cristina Schettini. *Um gênero alegre*, p.57.

⁴⁶ Havia uma grande lista de periódicos com as mesmas temáticas d’*O Rio Nu*, como *O Coió*, *O Tagarela*, *O Nu*, *San Dessous*, *A banana*, *O Tagarela*, *O Gavroche*, *Século XX*, *O Diabo*, *O Degas*, *O Trapo*, *A Banana*, *O Nabo*, entre tantos outros.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, p.275.

⁴⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.193-194.

⁴⁹ PEÇANHA, Natália Batista. *Regras de civilidade*, p.26.

⁵⁰ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*, p.94.

⁵¹ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*, p.223.

A maioria era da província, onde havia nascido e feito os primeiros estudos, e republicanos, e todos eram abolicionistas e francófilos. Escreviam nos jornais, compareciam a comícios, bebiam e corriam atrás das cocottes e atrizes da rua do Ouvidor e passavam longas horas em seus cafés e restaurantes, pulando de um para outro do final da tarde até o início da manhã. Ali construíram suas reputações e reinaram, rimaram, declamando, fofocando e debatendo seus ideias e sonhos⁵².

O Rio Nu se tornou uma ótima fonte, sobre o contexto de sua circulação, podendo ser utilizado como

um lugar de tematização de identidades sociais e de gênero, e também de expressão de algumas possibilidades de leituras alternativas delas que parecem ter se tornado possíveis devido ao objetivo primeiro dos seus conteúdos: provocar excitação sexual⁵³.

O periódico possui histórias que podem

ser remetidas ao contexto social em que foram produzidas e, da mesma forma que os contos maliciosos, podem evidenciar certas visões das relações sociais e de gênero, e possibilitar leituras que ultrapassem as intenções dos redatores⁵⁴.

A pornografia dá o que pensar

De antemão precisamos ressaltar que definir algo como pornográfico não é uma tarefa fácil, pois sabemos “que aquilo que uns consideram pornográfico, não é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas, ou culturais, mas também as subjetivas e individuais”⁵⁵. Além de que, “se a pornografia é um gênero, e um gênero tão heterogêneo que qualquer tentativa de definir o gênero ‘puro’ acaba necessariamente falhando”⁵⁶. Assim, para as classes mais conservadoras da sociedade carioca, a ampla circulação d’*O Rio Nu* e da imprensa de *gênero alegre* em geral, seria uma ameaça à organização interna do país e da ordem familiar, pervertendo os “homens de bem”, os “bons trabalhadores”, os jovens e principalmente as “mulheres honestas”. Além de criar uma péssima impressão no exterior.⁵⁷ Dessa forma, foram criados vários mecanismos

⁵² NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*, p.223.

⁵³ PEREIRA, Cristina Schettini. *Regras de civilidade*, p.200.

⁵⁴ PEREIRA, Cristina Schettini. *Regras de civilidade*, p.187-188.

⁵⁵ LAPEIZ, Sandra M., MORAES, Eliane R. *O que é pornografia*. São Paulo: Abril cultura, 1985, p.10.

⁵⁶ DARNTON, Robert. *Sexo dá o que pensar*. In NOVAES, Adauto (org.), *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.34.

⁵⁷ “A boa imagem da capital frente ao exterior configura uma preocupação de previsível apelo numa época em que a cidade passava por uma profunda reformulação urbana como parte de um esforço de construir uma capital da república aparentemente civilizada e cosmopolita para atrair capitais estrangeiros”. In PEREIRA, Cristina Schettini. *Regras de civilidade*, p.84

para censurar esses tipos de jornais. O caso mais famoso foi em 1910, quando o diretor dos correios Joaquim Ignácio Tosta⁵⁸, sem sucesso⁵⁹, emitiu uma circular que proibia a circulação de correspondências de publicações obscenas, citando *O Rio Nu*. Em contrapartida, para os redatores do jornal, seu conteúdo era ostensivo, não era obsceno, não ameaçava à ordem familiar, e muito menos à organização social. Para eles, o jornal era um comércio, “e da forma como se expõe no mercado não ameaça nenhuma moralidade, estando ao alcance de quem se interessar”⁶⁰. Apenas davam ênfase “nas possibilidades do estilo ‘alegre’ e ‘irreverente’ para desmascarar hipocrisias; uma espécie de franqueza possibilitada pelo riso”⁶¹.

Essas diferentes opiniões sobre o conteúdo d’*O Rio Nu* refletem “o próprio movimento de redefinições dos limites do moralmente aceitável no Rio de Janeiro do começo do século”⁶². A pornografia desse jornal talvez não afete do mesmo modo seus leitores de hoje como afetou seus leitores do começo do século XX, pois sua leitura agora ocorre num mundo mental que, em seus pressupostos, valores e códigos sociais são totalmente diferentes⁶³.

A principal característica da pornografia é seu discurso sexual. O termo

provém do grego *pornographos*, que significa literalmente falar sobre prostitutas. Assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e de seus clientes⁶⁴.

Para alguns teóricos o estudo da pornografia deveria se limitar a esses temas, e para outros a pornografia “envolve descrições da atividade sexual que violam a moral convencional e são calculadas para excitar o leitor ou espectador”⁶⁵. Não iremos nos restringir à raiz etimológica da pornografia, pois precisamos levantar outras questões sobre esse tema, porque

⁵⁸ Além de ser diretor dos correios, Tosta também era presidente de uma organização denominada Círculo Católico, que congregava várias associações católicas. In PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.81.

⁵⁹ *O Rio Nu* recorreu à justiça e conseguiu reaver o direito de circular pelas repartições postais e ainda ganhou contra a União um processo por perdas e danos. In PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.107.

⁶⁰ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.111.

⁶¹ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.114.

⁶² PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.81.

⁶³ DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar, p.35

⁶⁴ LAPEIZ, Sandra M., MORAES, Eliane R. O que é pornografia, p.7.

⁶⁵ DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar, p.23.

o problema de tais definições é que as práticas e o tabus sexuais estão sempre mudando. Na verdade, era justamente essa visibilidade que tornava o sexo algo tão bom para se pensar, já que por meio dele se podiam explorar ambiguidades e definir fronteiras⁶⁶.

Não reduzimos a pornografia à sua função sexual, visto que acreditamos que os redatores d'*O Rio Nu*, enquanto criavam e manipulavam fantasias de seu público, “expressavam uma visão hierarquizada das relações sociais, calcada em preconceitos de classe, raciais e sexistas”⁶⁷. Esse periódico se tornou uma excelente fonte de reflexão sobre as ideologias sexuais que norteavam a sociedade carioca de começo do século XX, sendo útil para a compreensão de outros significados além do sexual, já que

[...] a fama de pornográfico se transforma numa garantia do seu caráter restrito e delimitado, na medida em que o conteúdo já seria conhecido de antemão; delinea-se, portanto, como o lugar ideal para um humor cuja visibilidade seria inconveniente⁶⁸.

Recorremos, assim, à pornografia para mostrar novas formas de estudar a eugenia, pois “o lugar que atribuímos à pornografia depende dos propósitos que estabelecemos para nossa própria consciência, para nossa própria experiência”⁶⁹. Pensamos como Robert Darnton, quando escreveu que

[...] o sexo não é apenas um tema, mas também um instrumento para rasgar o véu que cobre as coisas e explorar seu funcionamento interno. Ele serve assim às pessoas comuns como a lógica serve aos filósofos: ajuda a extrair sentidos das coisas⁷⁰.

As afirmações de Darnton são relevantes para este artigo devido a importância que ele atribuiu às relações sexuais e à possibilidade de carregarem significados sobre as relações sociais⁷¹.

A eugenia exposta nas páginas d'*O Rio Nu*

Enquanto as teorias eugênicas estrangeiras condenavam o cruzamento racial afirmando que “o resultado de um casamento híbrido era sempre degenerado ou mais franco. Pior ainda, carregava os defeitos (e não as qualidades) de cada um de seus

⁶⁶ DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar, p.23.

⁶⁷ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.20.

⁶⁸ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.44.

⁶⁹ SONTAG, Susan. *A imaginação pornográfica*. Filosófica Biblioteca, 1967. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/susan-sontag-a-imaginac3a7c3a3o-pornogrc3a1fica.pdf>. Acesso em 02 de abril de 2018, p.34.

⁷⁰ DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar, p.21.

⁷¹ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.17.

ancestrais”⁷², os intelectuais nacionais adaptaram-nas criando outra, nunca antes vista, onde não se repudiava a hibridação das raças, pelo contrário: para eles a nação precisava passar por vários processos de mestiçagem⁷³. Desde “que a miscigenação funcionasse no sentido de promover o objetivo almejado, o *gene* branco ‘devia ser’ mais forte”⁷⁴.

A miscigenação brasileira passou a ser entendida como um problema de raças dispersas que precisava de centralização de reprodução branca, apesar da contradição de se aceitarem as diferenças inatas entre humanos, e incentivar o cruzamento entre eles. Essa reformulação teórica refletiu o contexto nacional da época, ou seja, um país miscigenado e que precisava de um modelo para “justificar cientificamente organizações e hierarquias tradicionais que pela primeira vez – com o fim da escravidão - começavam a ser publicamente colocadas em questão”⁷⁵.

Os brasileiros não tinham escolha. Sua sociedade já era multirracial, e a casta intermediária era precisamente a categoria social para a qual a flexibilidade das atitudes raciais importava, sobremodo. Aceitar sua caracterização como degenerado ou improlífica seria ameaçar um dado aceito e estabelecido pela sociedade brasileira. Seria também, deitar sombra sobre não poucos membros da própria elite⁷⁶.

Os intelectuais brasileiros utilizaram as concepções que combinavam com a situação nacional, descartando o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial no país⁷⁷. Assim, as teorias raciais “se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava”⁷⁸, solucionando a necessidade de se estabelecer a diferenciação entre raças e sua natural hierarquia. O cruzamento das raças tornou-se uma questão primordial para a compreensão do destino do Brasil.

Nesse cenário, destacaram-se figuras como a de Silvio Romero, advogado da Faculdade de Direito de Recife, que via na mestiçagem a saída para uma possível homogeneidade nacional, argumentando que

[...] a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que esse, para essa mesma vitória atentas as agruras do

⁷² SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.80.

⁷³ Chamada por eles de “boa mestiçagem”.

⁷⁴ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.63.

⁷⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.24.

⁷⁶ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.72.

⁷⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.28.

⁷⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.24.

clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, maximé a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo⁷⁹.

João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio Janeiro, ao participar do I Congresso Internacional das Raças, realizado em 1911 em Londres, reforçou o pensamento dos teóricos eugênicos nacionais, explicando que “o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução”⁸⁰. Afirmando que apesar do país ser composto por raças miscigenadas, estava passando por um processo de transição, de um acelerado cruzamento, deixando a entender que algum dia o país seria formado por uma população majoritariamente branca. Declarando que os casamentos inter-raciais entre mulatos e brancos

[...] já não são olhados com desdém como outrora, agora que a alta posição do mulato e a prova de suas qualidades morais levaram as pessoas a fazer vista grossa ao evidente contraste dos seus caracteres físicos. Sua origem negra é esquecida na comparação de suas qualidades morais e intelectuais com as dos brancos⁸¹.

Esses debates não foram ignorados pela imprensa brasileira da época, visto que seus fundadores e colaboradores estavam inseridos nas discussões sobre o progresso nacional. A crença, neste progresso, foi destaque nas páginas dos jornais e revistas da imprensa carioca nos anos finais do século XIX e no começo do século XX, ilustrando “com graça, elegância e riqueza gráfica o cotidiano da jovem República”⁸², a modernização do Rio de Janeiro foi “um dos temas mais caros à imprensa nesse período”⁸³. A imprensa carioca e no resto do país nasceu e se consolidou através da política, “construíram-se sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações”⁸⁴.

Apesar de os redatores d’*O Rio Nu* afirmarem que eram sustentados exclusivamente por suas vendas, característica que era imediatamente associada à ausência de vínculos políticos, encontramos publicações onde eles enaltecem a República

⁷⁹ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.53.

⁸⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.16.

⁸¹ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco, p.82.

⁸² ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso, p.97.

⁸³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso, p.97.

⁸⁴ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.104.

e seus governantes, como por exemplo, neste conto em que se criou uma biografia do então prefeito do Rio de Janeiro - Pereira Passos,

Velho, mais velho teso – eis o que sou, da minha infância não tem nem reminiscência, tão longe vai ela!

(...) estava eu muito sossegado a serrar minhas madeiras, quando o Sr. Dr. Rodrigo de Alves me chamou para me entregar o governo da cidade. Aceitei com a condição de ser ditador, de fazer o que me desse na veneta, sem me importar com Conselhos. Na minha idade, dispensam-se os Conselhos ... (...).

Tenho feito tudo o que posso para transformar esta Latrinópolis num jardim de fadas. De fadas, entendem-se bem e não haja nessa palavra...

O aplauso da maioria da população, anteposto à posição dos retrógrados que não querem nada de progresso, serve para me animar e prosseguir na tarefa que encetei, provando dia a dia que não foram perdidos ao meus⁸⁵.

Partindo do princípio de que *O Rio Nu* e suas caricaturas foram feitos por intelectuais da elite carioca e consequentemente influenciados pelas ideais do progresso republicano, materializando-o, modificando hábitos, costumes e estilos de vida⁸⁶. Aprofundaremos como seus discursos foram expostos no jornal e como foram criadas medidas para educar seus leitores sobre as vantagens da “boa mestiçagem” pois eles:

contribuíam para redefinir as fronteiras entre o moralismo lícitos e o ilícito; ao mesmo tempo, construindo identidades sexuais e, portanto, operando com categorias de gênero, os jornais evidenciavam uma certa visão sobre as relações de poder que não diziam respeito somente a homens e mulheres, mas também às próprias relações sociais em que seus redatores e leitores estavam inseridos⁸⁷.

O Rio Nu reproduziu os discursos higiênicos em suas caricaturas, já que as vinte e sete imagens que encontramos de pessoas negras, aparentemente fragmentadas e compostas por seções isoladas, ganharam no decorrer de nossa análise características comuns. As representações dos negros se referiam ao seu “instinto degenerado”, ao barbarismo dos seus costumes, e ao seu atraso civilizatório. Povos que não conseguiam desvencilhar-se de seu passado africano, que lhes trazia tantas marcas negativas⁸⁸. A África, assim, significava o “berço do barbarismo”, da violência, da superstição e da

⁸⁵ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.125.

⁸⁶ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos, p.112.

⁸⁷ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.09.

⁸⁸ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p.224.

magia, “sinônimo de tudo que indicasse inferioridade ou decadência”⁸⁹. O jornal projetou os negros como indivíduos iguais, quaisquer comportamentos negativos deles eram imediatamente generalizados como típico, algo que apontava para uma eterna essência negativa⁹⁰. As imagens d’*O Rio Nu*

[...] ganham significado quando são lidas no contexto, umas em contraste com as outras ou todas relacionadas entre si. Esta é outra maneira de dizer que as imagens não carregam significado ou “significam” por conta própria. Elas acumulam ou eliminam seus significados face às outras por meio de uma variedade de textos e mídias. Cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como a ‘diferença’ e a ‘alteridade’ são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro. Essa acumulação de significados em diferentes textos, em que uma imagem se refere a outra ou tem seu significado alterado por ser ‘lida’ no contexto de outras imagens, chama-se intertextualidade. Todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a ‘diferença’ é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um regime de representação⁹¹.

Os negros nas caricaturas d’*O Rio Nu* foram reduzidos às suas diferença fenótipos da população branca, reduzidos aos seus estereótipos, carregando

[...] muitos significados, todos igualmente plausíveis. O importante é o fato de que ela mostra um evento (denotação) e carrega uma ‘mensagem’ ou significado (conotação) – Barthes a chamaria de ‘metamensagem’ ou de *mito* sobre ‘raça’, cor e ‘alteridade’. Não há como deixamos de ler esse tipo de foto como uma imagem que ‘quer dizer algo’, não apenas sobre as pessoas ou a ocasião, mas também sobre ‘alteridade’ delas, a ‘diferença’. A ‘diferença’ está marcada. A forma como é interpretada é uma preocupação constante e recorrente na representação de pessoas racial e etnicamente diferentes da maioria da população. A diferença possui significado.⁹²

Os teóricos eugênicos nacionais afirmavam que os africanos fracassaram em desenvolver uma forma de vida civilizada na África e estavam fadados ao fracasso, citando relatórios ingleses e europeus sobre o caráter “primitivo” das estruturas sociais africanas⁹³. Para eles o continente africano era palco de selvageria irrestrita, de

⁸⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro*, p.117.

⁹⁰ SHOHAT, Ella., Stam, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosacnaify. 2006, p.269.

⁹¹ HALL, Stuart. *Cultura e representação*, p.150.

⁹² HALL, Stuart. *Cultura e representação*, p.146.

⁹³ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*, p.70.

canibalismo, de adoração ao diabo e de libertinagem⁹⁴. Assim, os negros brasileiros foram estereotipados como sendo primitivos, comparados a animais, e não tendo cultura humana. Reduzindo-os a essas características simplificadas, redutoras e essencializadas⁹⁵. A maioria das caricaturas n' *O Rio Nu* representava os negros em sociedades tribais no continente africano, refletindo assim esses ideais racistas e eugênicos, como podemos ver na figura 1 (*Ciúme preto*). Na descrição da caricatura temos uma mulher reclamando com seu marido sobre suas “peruadas” em outras tribos, reforçando o estereótipo que o homem negro precisava ser controlado por sua mulher, pois caso contrário ele cederia aos seus instintos sexuais. Além de retratar os dois personagens com poucas roupas, pés descalços, lábios grossos, rostos e narizes largos, crânios grandes e argolas pelos ouvidos e narizes, que na caricatura serviu para a mulher negra “primitiva” carregar seu marido.

Figura 1 (*Ciúme preto*, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 14 de nov. 1905, Ano VIII, nº 768)⁹⁶.



⁹⁴ HALL, Stuart. Cultura e representação, p.146.

⁹⁵ HALL, Stuart. Cultura e representação, p.174.

⁹⁶ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de

A primeira caricatura na qual uma pessoa negra é vista (figura 2 - *Na rua do senhor*), vemos as abundantes distinções agrupadas entre a raça branca (civilizada, possuidora de desenvolvimento intelectual, requinte, beleza, contenção civilizada e cultura), e a raça negra (pobre, selvagem, feia, primitiva, falta de intelecto e requinte, dependência dos seus costumes africanos). Na caricatura, a mulher negra, diferente das imagens das mulheres brancas (como na figura 3 - *Atrapalhação*), é representada sem atrativos sexuais, seu corpo não tem definições, seu rosto não é visível, estando de pés descalços e com vestes pobres. Na descrição da imagem um jovem rapaz branco, com características dos boêmios cariocas da época⁹⁷, vai à procura de um prostíbulo. Batendo à porta, quem o atende é uma mulher negra. Ele, enfático, diz a ela: “A senhora faz o favor de dizer a sua patroa que aqui está uma visita”, quando ela responde que “A patroa sou eu mesma, sim senhor”, ele, aparentemente horrorizado, diz “livra!”, e rejeita a proposta de pagar por sexo a ela.

Figura 2 (Na rua do senhor, O Rio Nu. Rio de Janeiro, 23 de set. 1899, Ano II, nº 127)⁹⁸.



⁹⁷ Os boêmios vestiam fraques que eram usados com coletes, camisas de manga comprida, calça, sobrecasaca, com colarinho apertados – engomados e presos firmemente com um dos ancestrais da gravata de borboleta e um peitilho duro com colarinho. Além de sapatos abotoados, bengala, mãos cobertas por luvas brancas e uma cartola ou um chapéu-coco. In NEEDELL, Jeffrey D. Belle époque tropical, p.197.

⁹⁸ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de 2018.

As imagens das mulheres negras contidas n' *O Rio Nu* tinham a intenção de orientar seus leitores a evitarem relações sexuais com elas, estabelecendo prescrições e delimitando qual deveria ser o padrão de mulher desejável pelos homens que se pretendiam civilizados – a mulher branca. Desse modo, nas caricaturas das mulheres brancas, elas são representadas como objetos de cortejo dos homens, sempre bem vestidas, finas, atraentes, felizes, com formas generosas e insinuantes, e principalmente, parecendo mulheres europeias. Desse modo, podemos afirmar que *O Rio Nu* internalizou padrões de beleza higiênicos em suas páginas, pois o corpo branco, tanto masculino quanto feminino, era representado como forte, elegante, e principalmente sadio, em contraposição ao corpo negro.

Figura 3 (*Atrapalhação*, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 10 de dez. 1904, Ano VII, n° 671)⁹⁹.



Pereira ao analisar os contos eróticos n' *O Rio Nu* afirmou que o objeto de desejo sexual também era a mulher branca, “normal”, “honesta” e rica, e todas as relações

⁹⁹ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de 2018.

sexuais fora desse padrão, são tratadas como experiências exóticas, sendo ressaltada a inferioridade desses tipos de relações¹⁰⁰. A pesquisadora conclui que

os mecanismos básicos de construção de identidades de gênero para estes personagens, assim, não parecem estar muito distantes dos mecanismos que informaram os médicos e os juristas. Homens e mulheres se diferenciavam por características opostas: mulheres instintivas, incapazes, de controlarem seus próprios desejos; homens racionais, superiores, fortes. Para os médicos, essas diferenciações serviram ao embasamento de um ideal de relação conjugal higiênica: para os juristas, justificaram a intervenção ‘civilizadora’ nos comportamentos e hábitos amorosos de outros grupos sociais. No caso dos contos d’*O Rio Nu*, identidades baseadas nos mesmos pressupostos servem à tematização de relações fora do âmbito conjugal, ainda que, do ponto de vista do redator, não estivessem necessariamente fora de uma lógica higiênica¹⁰¹.

Numa época em que a vestimenta demonstrava um status superior, é significativo como os brancos, diferente dos negros, são retratados nas imagens d’*O Rio Nu* (como na figura 4 - *Uma aposta original*). Eles se vestem à moda europeia, que tinha como significado simbólico a chegada da civilização no Brasil. Assim, numa sociedade em que se via num processo de transição, inspirados nos modelos europeus, as vestimentas tornaram-se um reflexo do nível civilizatório da população, e consequentemente, os negros foram representados despidos ou com vestes rasgadas, proclamando abertamente sua inferioridade inculta perante a população branca, já que eram considerados incivilizados e não-brasileiros.

¹⁰⁰ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.156.

¹⁰¹ PEREIRA, Cristina Schettini. Regras de civilidade, p.158.

Figura 4 (*Uma aposta original*, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 14 de nov. 1905, Ano VIII, nº 768)¹⁰².



Apesar de raras, encontramos duas imagens onde as mulheres “mulatas” (e não pretas) são enaltecidas (como na figura 5 - *Candidato A’ Pasta*). Na caricatura, um homem, com as mesmas vestimentas atribuídas aos boêmios cariocas, enaltece a mestiçagem da personagem: “Mulata dengosa, ao ver-te, tive uma idéia luminosíssima: Queres consentir que eu seja o teu Bulhões? ”, que com negativa da personagem “Que é que o sinhô tá dizendo? Não se enxerga? Anião eu tenho cara daquella coisa p’o’r sinhô ê meu gulhões? ” – Diz: “Não temas a coisa por esse lado, mulata! Eu me explico: Tu és uma *fazenda* de primeira e eu quero ser o teu ministro...”. No entanto, apesar da valorização da mestiçagem da personagem, ela continua sendo retratada com os mesmos

¹⁰² Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de 2018.

estereótipos atribuídas as mulheres negras brasileiras – como o linguajar não refinado, lábios, orelhas, olhos, narizes, e o tamanho da cabeça exageradamente grande.

Figura 5 (*Candidato A' Pasta*, *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 17 de mai. 1905, Ano VIII, n° 716)¹⁰³.



Porém, é predominante nas demais caricaturas a exaltação da população branca. Nas poucas imagens onde são vistas pessoas negras, suas características sociais, culturais e fenotípicas estão associadas a discursos racistas e higienistas. Suas formas e traços são

¹⁰³ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de 2018.

animalizados, e seus lábios, pés, orelhas e narizes são extremamente exagerados. Como nos mostra a figura 6 (*O beicinho do guarda*).

Figura 6 (*O beicinho do guarda*, *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 05 de dez. 1904, Ano VII, n° 670)¹⁰⁴.



Desse modo,

a intelectualidade brasileira munida da função de reeducar a população, se utilizou de diversos meios de comunicação para divulgar suas concepções e inculcá-las em seus leitores – se bem que nem sempre isto deu certo. E o jornal *O Rio Nu*, não se furtou desta tarefa. Apresentando a questão da mestiçagem de forma bem complexa, visto que estamos tratando de um material que se caracterizava pela polifonia, este jornal se por um lado não representava, de forma iconográfica, a mulher afro-brasileira como um objeto de desejo sexual pelo homem branco; por outro lado em alguns momentos, o jornal apresentava a possibilidade deste mesmo homem branco se envolver com mulheres mulatas, porém não negras ou crioulas. Talvez este dado nos aponte para o fato de que o intercuro sexual entre um homem branco e uma mulher mulata (que estaria mais próxima da mulher branca) poderia converter a

¹⁰⁴ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em 01 de abril de 2018.

miscigenação em algo positivo. Ela poderia propiciar um embranquecimento da população¹⁰⁵.

Conclusão

Apenas entendendo o contexto ideológico da Primeira República, que almejava atingir a civilização através de mudanças concretas, de acordo com os modernos padrões europeus, é que poderemos compreender a teoria racial brasileira e sua originalidade. Criando uma teoria que renunciava aos outros ideais estrangeiros de civilização, que viam na miscigenação uma anomalia e que precisava ser evitada. A população brasileira era entendida como reflexo de uma raça em formação e como tal, precisava de um aprimoramento biológico, a nação deveria

passar por um processo acelerado de mudanças, cujos prognósticos mais alentadores faziam alguns eugenistas brasileiros partilharem do sonho de transformar a população local mestiça em ‘gregos puros’, modificados em suas características físicas e morais.¹⁰⁶

As crenças a respeito de uma civilização europeia dentro do Brasil, país altamente miscigenado, trouxe a negação de uma grande parcela da população: a negra e mestiça. Assim, “abraçar a civilização significava deixar para trás aquilo que muitos na elite carioca viam como um passado colonial atrasado, e condenar os aspectos raciais e culturais da realidade carioca que a elite associava àquele passado”¹⁰⁷. A tentativa de se negar o passado - colonial, escravista e africano - levaram a política republicana a incentivar um racismo científico em suas instituições de ensino e pesquisa, que na época se constituíam enquanto centros de congregação da reduzida elite pensante nacional. No entanto, a raça também era discutida pela imprensa que como formadora de opinião, não deixou de incentivar a eugenia em suas páginas. Observamos que os redatores d’*O Rio Nu* não estavam apenas inseridos nos debates eugênicos, como também estimularam a lógica racista da chamada “boa mestiçagem” em suas caricaturas. Tal perspectiva tornou-se evidente a partir do esforço de influenciar seus leitores a manter relações apenas com mulheres brancas e, principalmente, a evitarem qualquer contato sexual com as mulheres negras.

Assim, com seus recursos humorísticos, maliciosos e pornográficos, *O Rio Nu* trouxe em suas caricaturas estereótipos culturais influenciados pelas ideias racistas e

¹⁰⁵ PEÇANHA, Natália Batista. Regras de civilidade, p.47.

¹⁰⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças, p.305.

¹⁰⁷ NEEDELL, Jeffrey D. Belle époque tropical, p.70.

eugênicas vigentes à época, representando a população negra em uma condição de inferioridade em relação aos brancos, que acreditavam serem os verdadeiros cidadãos da República. Portanto, esse periódico se tornou um instrumento de divulgação das ideologias sobre raça e gênero que norteavam a sociedade carioca de começo do século XX, sendo útil para a compreensão de outros significados além do sexual.

REFERÊNCIAS

Fontes

O Rio Nu: periódico semanal caustico humorístico (1898-1916). Rio de Janeiro. Obras Raras. PR-SOR 00008. Disponível também em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>.

Bibliografia

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In NOVAES, Adauto (org.), *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELEUTÉRIO. Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LAPEIZ, Sandra M., MORAES, Eliane R. *O que é pornografia*. São Paulo: Abril cultural, 1985.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (org.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

PEÇANHA, Natália Batista. *Regras de civilidade; tecendo a masculinidade do smart nas páginas d'ó Rio Nu (1898-1916)*. 2013. 162 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=152747. Acesso em 20 de novembro de 2017.

PEÇANHA, Natália Batista. *Uma pedagogia para homens; O Rio Nu e sua função disciplinadoras do homem civilizado*. Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, 25. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1333064133_ARQUIVO_NataliaBatistaPecanha-UmapedagogiaparahomensORioNuesuafuncaodisciplinadoradohomemcivilizado.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2017.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre; imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. 1997. 208 f. Dissertação (Departamento de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281169>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 15 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SHOHAT, Ella., STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosacnaify, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SONTAG, Susan. *A imaginação pornográfica*. Filosófica Biblioteca. 1967, p. 01-34
Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/susan-sontag-a-imaginac3a7c3a3o-pornogrc3a1fica.pdf>. Acesso em 02 de abril de 2018.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Ciúme preto, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 14 de nov. 1905, Ano VIII, nº 768, p.05

-----15.

Figura 2 - Na rua do senhor, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 23 de set. 1899, Ano II, nº 127, p.01

-----16.

Figura 3 - Atrapalhação, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 10 de dez. 1904, Ano VII, nº 671, p.08-----

-----17.

Figura 4 - Uma aposta original, *O Rio Nu*. Rio de Janeiro, 14 de nov. 1905, Ano VIII, nº 768, p.01-----19.

Figura 5 - Candidato A´ Pasta, *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 17 de mai. 1905, Ano VIII, nº 716, p.01-----20.

Figura 6 - O beicinho do guarda, *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 05 de dez. 1904, Ano VII, nº 670, p.01-----21.